



A morte de Sigifredo

A nossa estampa representa uma scena lastimosa, grandemente dramatica, na qual temos occasião de mais uma vez deplorar os funestos effeitos do infernal ciúme, e os criminosos excessos a que a mais violenta das paixões pôde arrastar o homem, quando de todo lhe avassalla o animo.

Hagen, valido de Guntero, rei de Borgonha, apaixonou-se profundamente pela irmã deste, a formosa Criemilda, e o temerario concebe a louca e arrojada esperanza de receber a mão da real senhora.

Succede, porem, que Sigifredo (filho de Sigismundo, rei dos Paizes Baixos), valente e bello mancebo, tendo a ventura de ver a princeza Criemilda, e de ser correspondido no amor que logo lhe consagra, a pede em casamento, e, de feito, com ella se enlaça.

O ciúme e o despeito accendem no coração do feroz Hagen o furor da vingança contra o seu rival feliz... e o sanguinario valido não tarda em malar Sigifredo.

Mas isto não satisfaz ainda o barbaro Hagen. Depois de assassinar Sigifredo, manda collocar de noite o cadaver do malfadado principe á porta do quarto de Criemilda. A desditosa princeza, mal sáe de sua camara, dá immediatamente com os olhos no horroroso quadro; solta desesperados gritos de consternação; estorce os braços; e, desatinada, quer precipitar-se sobre o inanimado despojo do seu marido, — no que a impedem as suas damas.

Tal é o quadro que o allemão Cornelius pintou a fresco no palacio do rei da Baviera, — logrando reproduzir primorosamente o pathetico desta magoada peripécia de um drama horroroso.

A GALATÉA MODERNA

(Continuado de pag. 179)

XXII

Um sonho de amor

Proseguia o turbilhão. O baile attingira o auge do delirio. Dançava-se em todas as salas. A baroneza, que era muito requestada, não podia eximir-se a todos os que a convidavam. Assim o exigia o seu amor proprio e a voluptuosidade da dança, a qual, nas naturezas robustas, produz um encanto mais perduravel se bem que menos intenso e poetico do que o embevecimento, que sentem as mulheres nervosas.

Alfredo teve, pois, a faculdade de assentar-se junto de Violante e de ficar a sós com ella no meio da multidão, que se agitava em convulsões phreneticas.

— Então não dança mais? disse Violante.

— Não, prima. Quando a felicidade nos visita uma vez, é de balde que a chamamos, que não volta. Gosar assim, e tanto, em tão pouco tempo, a poucos é dado. E eu entrevi o céu.

— Jesus! Não diga isso, que tenho dó e vergonha de mim mesma.

— É a verdade. Ainda a vejo offegante; ainda a vejo a arquejar de canção; e como quer que me esqueça, que ambos, nos braços um do outro, voámos embalados pela musica? Como quer que esqueça o muito que senti? Como, se tu, Violante, confessaste o teu amor...

— Foi um sonho. Estava louca. Pensei no passado. A excitação, o delirio, o endouar da walsa... Não sei o que fiz. Oh! Amal-o? Não posso.

— Não! Não! Violante. Eu bem sei que tudo foi um delirio, tornou Alfredo em tom melancolico. Foi uma visão. E, comtudo, para que negal-o? para que encobril-o? E, comtudo, Violante, eu amo-a, como outr'ora, em tempos mais felizes. Debalde quiz arrancar do peito este amor, que me dilacerava. Não pude. Foi mais forte o destino, que a vontade. Podíamos ser tão felizes! Era tanta a ventura que eu esperava! Que fervencias eu sentia, ao vel-a, não se lembra? Naquella alameda sombria e melancolica, quando passeiava ao pôr do sol, vestida de branco, como uma fada ou uma virgem do céu, toda pensativa, scismando na felicidade que podia dar. E a brisa da tarde vinha brincar-lhe nos cabellos e tufava-lhe as roupagens. Parecia que se aprestava a voar. E eu julgava, quão louco fui! que pensava em mim, e que o seu coração batia unisono com o meu. Pensava que o rubor, que lhe cobria as faces, como a alvorada se retinge de carmim, era eu quem lho causava. Uma vez, já vae longe esse dia, e tudo me lembra, porque quem ama sem esperança, vive no passado e pelo passado. Uma vez, era de tarde, e ouvia-se ao longe o ruido do mar. As nuvens caminhavam angustiosas açoutadas pelo vento gemebundo. Do mar erguia-se a cerração, aquelle negrume medonho, crepe funerario com que a natureza vela o rosto durante a tormenta. Debalde queria lutar o sol com as nuvens sombrias e

esfarrapadas pelo vento. Os vapores galgavam, e subiam em columnas, e só de quando em quando, no meio de uma rasgadura momentanea, se projectavam longos feixes de raios pallidos e descorados. O mar parecia negro e impellia os burgaus contra as penedias, com um ruido surdo. Não se lembra, Violante? Nós tínhamos saído. A prima queria ir contemplar o mar e ver as ondas encapelladas. Eu acompanhei-a. Nessa tarde, em que a atmosphaera estava cheia de electricidade, apraziam-lhe os grandes espectaculos. Encostada a mim essa cabecinha gentil, zombeteando e rindo, com que prazer respirava o ar impregnado de salsos vapores. Chegámos, enfim, á beira do Oceano. Ambos nos encostámos aos rochedos que se aprumam sobre as aguas, que espadanavam no sopé, salpicando-nos e envolvendo-nos em uma chuva tenuissima. De repente fugio de ao pé de mim. Comecei a chamal-a e não respondeu. Já era escuro. O sol escondera-se de todo e a cerração augmentava. As nuvens pardacentas dilatavam-se sobre o mar, e quando alguma lufada mais forte as rasgava, via-se a espuma alvejar na orla do horisonte. O verdoengo do mar tomara uma cor mais relinta e negra. Surgiam os vapores do oceano, alevantavam-se mais e mais, conglobavam-se, formavam novellões immensos, que se dividiam e toldavam o céu á proporção que subiam. E o vento gemia na limbria alvejante das ondas, e entranhava-se pelas fendas dos rochedos. E o ruido interior do mar crescia. Era tudo sombras carregadas, que nem mesmo o raio dissipára. Às vezes vinham longas vagas, esbranquiçadas, que corriam sobre o mar e batiam na praia, aonde se quebravam formando candidas caladupas. Ouvio-se então um trovão longinquo. Pareceu-me ver um alfange de fogo fendendo o céu e o mar, e á luz do relampago, avistei-a, desbruçada sobre as ondas, interrogando com os olhos o abysmo, toda molhada, cabellos soltos, pallida, boqui-aberta, prestes a precipitar-se. Corri desvairado a soccorrel-a, agarrei-lhe pelos braços. Soltou então um grito, e olhando-me sem pastenejar, disse-me: «Ah! Porque veio interromper-me?» E eu respondi-lhe: «Porque a amo, porque é amada.» «Amar! ser amada! Não valle antes o morrer? E voltou triste e pensativa.» E no outro dia tinha os olhos inchados de chorar. Esta scena, Violante, é o meu remorso eterno. Porque não nos precipitámos ambos nas vagas? Porque não morremos juntos?

— Para mim só me resta morrer. É verdade Devo morrer, disse Violante. Eu amo e não quero amal-o. Sou ainda o que sempre fui. Não julgue que isto é mysterio. Ainda agora, no delirio da walsa, ralada pelo ciume confessei-lhe tudo em duas palavras. Sim. Foi um delirio.

— Um delirio!

— Sim, porque devo esquecer-o. E demais, não ama outra?

— A baroneza?

— Sim.

— Pois não sabe os tormentos que hei soffrido?

A sua lembrança seguia-me por toda a parte e sempre me confrangia o coração. As esperanças mortas são a desgraça que nos persegue continuamente, a quem as rega com lagrimas dolorosas. Quiz curar-me e fugi. Para que? Nem no tumulto alcançaria o esquecimento. Fiz esforços sobrehumanos. Sempre, sempre a sua imagem. Julguei que amava a baroneza. Foi um capricho, como outros mil, que duram momentos. Fascinações; quem as não tem todos os dias? Mas o amor é luzeiro que só uma vez se accende. Se o vento da desventura o extinguir, ninguém ha que torne a ateial-o. Quantas vezes aspira a gente o ceo, povoado de estrellas, por horas altas da noite? Os olhos fascinados passam de uma para outra constellação, ora contemplam uma estrella, ora contemplam aquell'outra; mas aquella que primeiro avistaram, e que rebrilha e scintilla sósiha e como que receiosa, é para essa que os olhos se voltam com saudade e prazer, quando o esplendor e a riqueza dos céos já nos fatigaram.

— A comparação é demasiado metaphorica, para que possa accital-a.

— Em questões de amor, sem fé, não ha felicidade.

— Mas na duvida está a salvação, e quero salvar-me.

— Não, não pôde salvar-se. É minha, aqui lho juro, assim como em outra occasião mais triste lho protestei.

— Ah! Ainda me recorda essa ameaça fatal!

— Sim, respondeu Alfredo apertando-lhe de relance a mão. Sim. Sou franco. É minha que assim o quer a fatalidade suprema e inquebrantavel do destino. É minha, porque sente a terrivel attracção do abysmo. É minha, porque me ama, e antes quer por companheiro o remorso do que o ciúme. A minha sombra persegue-a vingadora por toda a parte. De noite, quando cerra os olhos, não encontrará repouso, nem socego, porque julgará que nos braços de outra estou gosando venturas, que só o seu peito poderia offerter-me. Não me julgue um Antony, repleto de paixões impossiveis, monstruosas e absurdas. Amo-a, o que é natural. Quero colher o fructo prohibido, o que é naturalissimo. Para que hei de fazer-lhe mais declarações? Para que proferir longos discursos? Hoje, amanhã, daqui a um mez, ou a um anno, pouco importa, hei de dizer a seus pés, ebrio de venturas, o eterno refrão de todos os amantes: obrigado, Violante, deste-me o ceo na terra.

E Alfredo ergueu-se, e complimentou respeitosa-mente Violante, que se ficou pensativa e scismadora no meio do revoltear do baile.

XXIII

Violante a Alfredo

Ainda não era passado um mez, recebia Alfredo esta carta:

«Alfredo. — Tem rasão. Antes o tormento da consciencia, do que o tormento do coração. Agora, sim, que sou a tua «Violante.»

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

ANOTAÇÕES DE ALGUMAS PASSAGENS DOS NOSSOS MELHORES CLASSICOS

(Vid. pag. 134)

II

(Heitor Pinto. *Imagem da Vida Christam. Dialogo da Vida Solitaria*)

TEXTO

— O gran Catão Censorino (1) tam celebrado dos antigos (2), que finham sua vida por huma viva imagem de gravidade e virtude, e seu peito por hum poco de prudencia e moderação (3), e seu animo por hum espelho de fortaleza e constancia, o qual, diz Plinio, que foy perfeitto capitão (4), perfeitto orador (5), e perfeitto senador, depoy de ser questor, e tribuno militar, e pretor, e censor, e consul (6), e ter as mayores dignidades de Roma assi na paz como na guerra (7), se sayiu da cidade, e se foy viver a huma quintam sua junto a Piceno, que se agora chama Marca de Ancona, ainda que outros dizem que estava junto com Puçol. (8) Mas basta que se meteo naquella sua quintam (9), e alli acabou o que lhe restava da vida, hora lendo, hora escrevendo, hora meditando, ora cultivando a terra, hora negoçando com os agros, que quasi sempre tornam com grossa ouzena quanto nelles se lança. (10) Poys estando o bom velho gozando daquella vida solitaria, acertou de passar por hi hum homem prudente nas cousas do mundo (11), mas entregue aos negocios d'elle, e revolvendo na fantasia d'huma parte as torvações e distrahimentos, em que elle e muitos outros andavam (12), e da outra a quietaçam e repouso, em que Catão alli vivia, cotejando os proprios enganoses, que o traziam de si enleado, com os desenganoses, com que Catão estava do mundo esquecido (13), nam se pôde ter que lhe não escrevesse na porta humas letras que diziam: *O' bem aventurado Catão tu só sabes viver!* As quaes letras alli depoy ficaram por memoria. Quem tal dizia bem conhecia o bem da vida solitaria, mas disto nam tinha elle mays que o conhecimento, pera mór magoa de nam fazer o que sentia: como eu sey que acontece a muytos outros.» — (14)

ANOTAÇÕES

(1) Trata-se do grande cidadão romano, Catão, o *Censor*, assim chamado por antonomasia, e para o distinguir de Catão, o *Uticense*, ou de *Utica*.

O primeiro falleceu no anno 151 antes da era christã; o segundo falleceu no anno 48 antes da mesma era.

Melhor fôra que Heitor Pinto houvesse dito: *Catão, o Censor*, em vez de *Catão Censorino*.

Censurinus era um nome de familia entre os romanos; e se os leitores forem ler a vida de Catão em Plutarco, na versão latina da *Vida dos homens illustres*, ali verão escripto *Marcus Cato Censorinus*.

Primitivamente, o nome de Catão era o de *Marcus Portius Priscus*; mas depois lhe ficou como que a alcunha de *Cato*, pela admiravel sagacidade, de que deu mostras desde moço; sendo que a palavra *Catus* tanto quer dizer como *sagaz, astuto*.

(2) *Antiguos* — escreviam ainda os escriptores do seculo de quinhentos, — reproduzindo assim o *antiquus* dos latinos. *Antigos*, como hoje dizemos, é mais euphonico, e de mais facil pronunçiação.

Catão, o Censor, não foi sómente *celebrado dos antigos*: também a posteridade o *celebra*, como havendo sido um homem muito notavel, e acreedor de eterno renome.

(3) São imaginosas e mui bellas as expressões: *tinham sua vida por huma viva imagem de gravidade e virtude, e seu animo por hum espelho de fortaleza e constancia.*

E, porem, menos grave, e desdiz um tanto da importancia do personagem romano a expressão: *e seu peito hum poço de prudencia e moderacão.*

Faz logo lembrar o *elogio* que o faceto Nicoláo Tolentino tecia ao mestre de latim:

Entre medos e violencia
Entrar no latim já posso;
E jurei obediencia
A um clerigo, que era um poço
De tabaco, e de sciencia.

(4) *O qual, diz Plinio, que foy perfeyto capitão.* — Este — *o qual* — seguindo-se *a espelho*, parece referir-se-lhe, e não a *gran Capitão*, que já fica muito longe.

Por outro lado, — *o qual* — é o sujeito de *foy*, e por consequencia dispensa o — *que* — depois de — *diz Plinio* — Reparem os leitores nestas redundancias, que tão viciosa tornam a locução.

(5) *Perfeito orador.* — Não é exaggerada esta clausula. Diante da opinião de Cicero, competentissima e tão auctorizada, não pôde hesitar-se em classificar assim Catão o Censor. No tratado — *De claris oratoribus* — diz Cicero, fallando do mesmo Catão: — «Que homem, deuses immortaes! Põho de parte o cidadão, o senador, o general: aqui só trato do orador. Quem foi mais grave do que elle no louvar? Quem foi mais vehemente na censura? Quem mais engenhoso nas sentenças? Quem mais subtil na exposição e discussão de uma causa? As suas cento e cincoenta orações, que tantas encontrei e li, estão cheias de expressões e de cousas magnificas. Embora se faça selecção das mais notaveis, — em todas se nos deparam as qualidades proprias do verdadeiro orador. E as suas *Origens!* qual belleza, qual eloquencia não possuem ellas! etc. etc. (*Quis illo gravior in laudando? acerbior in vituperando? In sententiis argutior? in docendo, e disserendoque subtilior?* etc.) *Brutus, sive de claris oratoribus.* XVII.

Tito Livio também tece a Catão um grande elogio, dizendo que não foi este um daquelles oradores, de quem sómente se faz grande caso durante a vida, e que nenhum monumento deixam de sua passagem: sobreviveu-lhe a sua eloquencia, e honrada é ainda, como tendo a consagração dos livros que compoz, em todos os generos. XXX. 40.

(6) Fallaremos aqui sómente do cargo de Censor, que a Catão deu um nome antonomastico.

A dignidade dos Censores, á qual chamou Cicero *magistra pudoris et modestiae*, chegou a ser a maxima dignidade da republica romana, e superior á dos consules, não só em poder, senão também em honra.

A dois pontos principaes pôdem reduzir-se as funcções dos Censores: 1.º *ad aestimationem facultatum* (recenseamento, e contribuições); 2.º *ad aestimationem morum* (inspecção vigilante e severa da moralidade.)

Debaixo do ultimo ponto de vista, o procedimento, dos cidadãos, e ainda o dos funciona-

rios estava sujeito á fiscalisação e *nota* dos Censores, — não com referencia á Lei e ao Estado, mas sim com referencia á vida particular. Assim, por exemplo, a *nota* (*animadversio*) dos Censores recaia no cidadão que na guerra, ou em outra conjunctura arriscada, se havia com pouco valor; no agricultor, que menos diligentemente se entregava á cultura dos campos; no cidadão, que sem causa justificada se conservava celibatario; no individuo, que sem necessidade contraía dividas; etc.

A Censura ia entender com as acções reprehensíveis, por menos honestas, que as leis não attingiam; era a magistratura da moralidade e da virtude, que suppria a deficiencia da legislação geral, ou se estendia a miudezas que essa legislação não podia alcançar. Assim, lançava severa *nota* sobre a ingratição do cliente para com o seu patrono; sobre a demasia de indulgencia, ou excesso de aspereza para com os filhos; sobre os máos tratos dados aos escravos; sobre o abandono dos paes; etc. etc.

Catão, apesar de algumas fôdoas que a posteridade tem encontrado na sua vida, foi, effectivamente, um severo reformador da corrupção romana, — chegando a levar a sua inexoravel austeridade até o ponto de depôr um senador, que dera um beijo em sua mulher na presença de sua filha. (Veja o tratado de Nieupoort — *Rituum*, etc. e a *Hist. Univ.* de Cantu, tomo 3.º 1862.)

(7) Parece redundancia; mas, em verdade, não o é. Catão percorreu o circulo dos mais honrosos cargos da republica, tanto os da paz, como os da guerra.

(8) *Quintã, Quintãa, Quintam.* Termo antiquado, que vem do latino barbaro — *quintana* — e que tanto quer dizer como quinta, casa de campo com a sua competente grangearia. — Os leitores não encontram este termo em Bluteau; mas encontral-o-hão no *Elucidario*, e no *Dicc. de Moraes*. Em mais de um classico portuguez se nos depara esta fórma — *quintã*, ou *quintam*. Citaremos apenas Barros — «...e que para isso havia de dar um banquete ao governador, e a seus capitães na *quintã de Melique*, em huma horta que tinha cercada de forte muro.» *Dec. IV. Liv. VIII. C. 11.*

Piceno, que se agora chama *Marca de Ancona*. — Effectivamente, *Picenum* era o nome — da geographia antiga — do pequeno Estado da Italia ao longo do mar Adriatico, que tinha ao norte os *Senones*, e os *Prætutii* ao sul. As principaes cidades eram então *Asculum*, *Picenum*, *Firmum*, *Auximum*, *Cingulum*.

Na geographia moderna deu-se-lhe o nome de *Marca de Ancona*, e são suas principaes cidades *Ancona*, *Loreto*, *Camerino*, *Fermo*, *Macerata*, *Osimo*, *San-Severino*, *Tolentino*.

Puçol. — É o que os geographos francezes chamam *Pouzzoles*, os italianos *Pozzuoli*, e nós *Pozzolo*, — cidade no golpho de Napoles. — Na geographia antiga tinha o nome de *Puteoli* (numerosos poços), e de *Dicæarchia*. — Do nome desta cidade vem o de *pozzolana*, saibro ou argila ferruginosa, diversamente colorida, que experimentou a acção de uma alta temperatura pelo fogo dos vulcões. (*Dict. Univ. des Sc. Bouillet.*)

(9) *Mas basta que se meteo naquella sua quintam.* — Fórma egyptica, que tanto quer dizer como: *Mas, para o nosso proposito, basta sabermos que se retirou para a sua quinta.*

(10) *Negoceando com os agros, que quasi sempre tornam com grossa onzena quanto nelles se lança.*

Heitor Pinto foi mais feliz, em outra parte do seu livro, na expressão do mesmo pensamento, quando disse: — ... e lhe dá hum pobre casal, onde lavre em terra sua com bois seus, negoceando com os campos, que nunca dão má resposta. —

Agros. Tanto quer dizer, em geral, como *campos*. O vocabulo *agro* tem boa derivação, a do latino *ager*, aliás derivado do grego *argos*: é hoje pouco usado, com quanto o encontremos ainda no decreto de 27 de janeiro de 1751: *ibi*: «... que todos os sobreditos favores nos despachos, direitos e fretes, se fariam inuteis se o assucar se não podesse achar no agro, com tal proporção no custo, que o lavrador ganhasse em o fabricar, e o homem de negocio achasse a sua conta em o extrahir.» —

Alguns classicos portuguezes empregam a palavra *agro*; e até em sentido figurado o apresenta o insigne Barros, dizendo: *o agro e campo da historia*.

D. Fr. Francisco de S. Luiz marca entre *agro* e *campo* esta differença: *Campo* quer dizer um espaço, mais ou menos grande, de terra chã; *agro* quer dizer uma porção de terra, que se cultiva, lavrando, semeando, plantando. O primeiro tem significação mais extensa que o segundo, e

não diz relação necessaria á agricultura; *agro* sómente se diz do terreno cultivado, de que se colhe fructo.

O sr. Roquete opina que a differença entre *agro* e *campo* não é tão sensível como observou D. Francisco de S. Luiz: que em todo o caso não tem *agro* o grande numero de acceções figuradas e secundarias que tem *campò*.

O vocabulo — *Onzena* — é impropriamente empregado por Heitor Pinto nesta passagem, pois que exprime a usura immoderada e illegitima, e é sempre tomado em sentido de acção criminosa. — Os campos podem ser ferteis, ou estereis, — agradecidos ou de-agradecidos ao lavrador... mas nunca jámais poderá dizer-se que elles são *onze-neiros*.

(11) *Acertou de passar, etc.* — Lindo modo de dizer!

(12) *Torvações e distraimentos.* — Palavras muito expressivas, que deviam estar muito em voga.

(13) *Com que Catão.* — Falta de euphonia, toda muito desagradavel. — *Estava do mundo esquecido.* — Falta de clareza na expressão.

(14) Este final não está na altura da sublimidade do assumpto, nem da importancia do personagem. Faz lembrar o *desinit in piscem*, de que falla Horacio, na *Arte Poetica*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO



O Asylo dos Invalidos de Chelsea

Chelsea, outrora uma pequena aldeia, distante de Londres duas milhas, é hoje uma povoação importante, e constitue uma parte dos suburbios d'aquella grandiosa capital. Está situada na margem do norte do Tamisa, em uma pequena eminencia acima do mesmo rio. — No « Domesday Book » vem designada pelo nome de « Cerchede e Chelchede »; Sir Thomas More, que ali tinha uma casa, escreveu « Chelchit », no seculo XVI, começou a escrever-se « Chelsey » mas hoje diz-se « Chelsea » e desse nome tira o seu o Asylo de Invalidos, que a nossa estampa representa (*The Royal Hospital for invalid soldiers* ou « Chelsea-Hospital »).

O edificio data do anno de 1609, construido para uma especie de seminario (*King James's College at Chelsey*), o qual nunca floreceu. Durante as guerras civis apoderou-se delle o parlamento, e apropriou-o para diferentes destinos. Carlos 2.º o concedeu a Sociedade Real, de recente data estabelecida; mas como não fosse accommodada para tal applicação, foi restituído ao rei, afim de vir a ser convertido em Hospital real — O architecto do edificio, tal como hoje existe, foi o celebre Christovão Wren; lançou-se a primeira pedra em 16 de fevereiro de 1682, e concluiu-se a construcção em 1690. — Compõe-se de tres corpos, dois dos quaes, espaçosos, perfeitamente quadrangulares, e o do centro, que pelo lado do sul, é aberto sobre o Tamisa. A frontaria do norte, que a nossa estampa representa, é de um estylo simples, e compõe-se do centro e de dois lados, sem outro nenhum ornamento mais do que um singelo portico. No centro do Asylo está a capella, e uma grande e muito notavel sala.

A administração do Asylo está confiada a empregados da nomeação do governo. O estabelecimento militar consiste em um governador, um vice-governador (*Lieutenant-governor*), e varios officiaes que lhe são subordinados. Ha de ordinario no Asylo para cima de quinhentos Invalidos, os quaes são divididos em classes e sujeitos a disciplina militar. Afóra a comida e o vestuario, recebem semanalmente um subsidio, que varia segundo os postos e o serviço. — O estabelecimento é tão abundantemente dotado, que tem meios não só de sustentar os invalidos internos, senão tambem muitos milhares de externos. Em 1837, segundo o escripto que tenho presente havia 85,000 invalidos externos, que recebiam um subsidio pecuniario em cada dia.

Ha tambem em Chelsea um estabelecimento muito commendavel, e tem por fim sustentar e educar os filhos (principalmente os orphãos) dos soldados, e dos officiaes sem commissão. Este edificio, de um vasto plano, foi começado a edificar em 1801, a expensas do duque de York, e ficou concluido em 1805; denomina-se *real asylo militar*.

NÃO DESESTIMEMOS O ESTUDO DA LITTERATURA CLASSICA

*Doutrina, arte, trabalho, tempo, e lima
Fizeram aquelles nomes tam famosos,
Por quem a antiguidade se hoíra e estima.*
FERREIRA.

Não cançarei os leitores com uma dissertação acerca deste importante enunciado; preferivel me parece pôr diante dos seus olhos uns breves, mas conceituosos pensamentos de escriptores atilados. Esses traços de mão de mestre, embora rapidos, são a tal ponto coloridos e luminosos, que hão de infallivelmente fazer reconhecer a indispensabilidade da cultura das sabias letras de Roma e Grecia, sem prejuizo do estudo scientifico e professional que a civilisação moderna demanda:

— «A educação classica constitue a riqueza fundamental de todas as intelligencias, o ponto de partida, o laço eterno que as prende, ainda quando aptidões diversas, e funcções diversas as separam.

«Se faltasse esta base *necessaria*, teriamos, dentro em pouco tempo, trinta *tecnologias*... mas nem uma só lingua; cada profissão empregaria, nas relações ordinarias da vida a *phraseologia das officinas*, a algaravia do *mostrador*, as formulas exactas e duvidosas das sciencias diversas; e o paiz inteiro viria a offerecer o espectáculo da confusão e da mistura adultera de todos os idiomas.

«Os estudos classicos formam o cimento mysterioso que reúne em uma comunidade de principios os membros da grande familia franceza; só elles, e nenhum outro elemento, imprimiram á nossa litteratura um caracter de grandeza, de gosto, de elegancia, de moralidade, que em vão e debalde exigiria ella da educação professional.

«Esta litteratura nacional, accommettida hoje por outros importantes reformadores, está destinada a erguer-se sobre as ruinas de gerações passageiras, — sempre viva, sempre radiante de gloria, e immortal como a chamma inspiradora do genio.» — (1)

— Vêde agora o profundo, o indissolúvel enlace das letras com as sciencias:

— «A alma eleva-se por meio da cultura das letras, e muitos dos mais bellos monumentos do pensamento humano estão escriptos na Lingua latina.

«Mas a alma não se abate pelo estudo das sciencias. Ensinam-nos estas a ler no livro magnifico da Natureza; revelam-nos os segredos igualmente admiraveis do infinitamente grande e do infinitamente pequeno; dão-nos os meios de apropriarmos ao nosso uso as forças que o Creator espalhou pelo mundo, obra sua; e deste modo excitam em nós o amor e o reconhecimento para o Ente Supremo.» — (2)

— Ouçamos agora um pensador profundo, M. Guizot.

Sendo ministro de instrucção publica em Franca, dizia elle, na sessão da camara dos deputados de 29 de maio de 1835:

— ... «Quando, senhores, no proximo futuro anno disculirmos a Lei do ensino secundario, vereis que o estudo das Linguas antigas é o estudo profundo e forte, que principalmente deve constituir o ensino dos mancebos chamados a receber uma educação sabia. Não convirei eu na concessão de que fallou o illustre preopinante; nem consentirei que o estudo do inglez ou do allemão substitua o do grego ou do latim. Preço muito as linguas e litteratura ingleza e allemã; mas... ¿ acaso, senhores, perdestes a lembrança do que são a lingua e litteratura grega e latina?... São a lingua, são a litteratura da civilisação; e foi por ellas que a civilisação nasceu na Europa... Vós mesmos, povo moderno, entrastes por meio desses estudos em contacto com a civilisação antiga, e na posse da sua herança; e hoje... não sei por qual invasão de barbaros... ¿ queereis abandonar esses estudos, essas linguas, que só os barbaros destruíram nos seculos IV e V?

«Não vos deixeis allucinar, senhores. Preserve-me Deus de jámais amaldiçoar ou proscreever as sciencias! Por maior que seja o lugar que ellas occupam já hoje nos nossos estudos, — muito maior o devem grangear de dia em dia; mas se houver

(1) *Rapport de M. Jay sur les «Études des réformateurs» de M. Louis Reybaud.*

(2) *M. Michel Chevalier.*

sem de prejudicar as letras, se houvessem de circumscrever os domínios das litteraturas grega e romana, que deram origem á civilisação e ao espirito moderno... seria isso a ruina da instrucção publica, seria o maior enfraquecimento, a maior decadencia, que jámais viu o mundo!... (*Vozes: — Muito bem! Muito bem!*) (3)

— Ouçamos tambem algum testemunho portuguez.

Muito substancialmente exprimia o correspondente de um periodico litterario de Lisboa, no anno de 1863, as excellencias e recommendaveis titulos da lingua latina, dizendo:

— ... é então ... que se pretende depreciar ou esquecer a lingua latina, a lingua dos Tito Livios, dos Ciceros, dos Cesares, dos Horacios, dos Virgílios, dos Ovidios, e de todos os sabios? uma lingua em que estão os thesouros da litteratura, os modelos da eloquencia, aquellas obras admiraveis, que ha mais de vinte seculos nos tem servido de guia e pharol na republica das letras, as quaes, ainda até hoje, longe de serem excedidas, não tem sido imitadas? uma lingua, em que se acham exarados os dogmas da nossa santa religião, as decisões da Igreja, e que de ambas é a mais fiel e verdadeira depositaria? uma lingua, sem a qual todo o edificio litterario é como formado sobre areia, toda a sciencia coxa, o mesmo mecanismo e analyse de uma oração falho de luz sufficiente, que a esclareça, e a sua propria lingua materna privada da rasão fundamental da sua existencia e do modo de ser? — (4)

— Abramos um livro portuguez, muito celebre, e ahí encontraremos, sabiamente caracterizado, o alto merecimento, e miudamente especificados os uteis das linguas grega e latina. *Ellas são, diz esse livro, o fundamento das sciencias, e a porta por onde se entra para o sanctuario da sabedoria. Pelo meio dellas se forma o espirito; se enche de noções admiraveis: e se faz habil para extrair dos thesouros da antiguidade as preciosidades, que nellas se encerram.* (5)

Se a brevidade que me impuz nestes apontamentos o permittisse, especificaria, com esse livro na mão, as rasões porque todas essas utilidades, todos os socorros são de absoluta necessidade para o jurisconsulto, para o theologo, para o medico, para o philosopho.

— Não foi meu intento entrar em discussões polemicas sobre o assumpto de que trato; unicamente puz a mira em dar força á minha convicção pessoal, abonando-a com os auctorizados testemunhos que deixo exarados. Só esses testemunhos pódem influir no animo do publico, e oxalá que lhe façam a mesma impressão que em mim fazem!

Estudemos, sim, as proveitosas linguas da França, da Inglaterra, da Allemanha, e de outras nações dos nossos dias; consagremos ao ensino scientifico e professional das gerações modernas todo o cuidado possivel; mas não desestimemos a cultura dos sabios idiomas que Homero e Demosthenes, Virgilio e Cicero immortalisaram.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(3) *Histoire Parlementaire de France. Recueil complet des discours prononcés dans les Chambres de 1819 à 1848 par M Guizot.* Tomo 2.^o Paris 1863.

(4) *Boletim Geral de Instrucção Publica* — n.^o 52 de 28 de janeiro de 1863.

(5) *Compendio Historico.*

A GRANDE PESTE EM ATHENAS

(Tradução de Thucydides, feita sobre o original grego)

A descripção da grande peste de Athenas, succedida no segundo anno da guerra do Peloponeso, e uma das mais bellas passagens da historia desta guerra, composta pelo escriptor mencionado. Esta historia não se acha ainda traduzida na nossa lingua, apesar de o estar em todas as outras da Europa; e é para lamentar, por ser uma das mais bellas obras, que a antiguidade nos legou. Desta vez vou apresentar a descripção da referida peste, a mais terrivel de que a antiguidade nos faz menção, e que se acha nos capitulos 47 e seguintes do livro 2.^o do original grego.

Cap. 47. — Apenas o estio começou, os peloponesianos e os seus alliados, com duas partes das tropas (assim como anteriormente o tinham feito), caíram sobre Attica, sendo commandados por Archidamo, filho de Zeuxidamo, rei dos lacedemonios, e, assentados os seus arraiaes, assolavam a terra. Não tendo decorrido muitos dias depois que elles estavam na Attica, entrou a epidemia primeiramente a accommetter os athenienses; se bem que se dizia ter antes invadido muitos outros lugares, e tambem as immediações de Lemnos e outras terras. Não havia, comtudo, lembrança de ter existido nem tão grande epidemia, nem tal mortandade de pessoas, em parte alguma, por isso que os medicos, ao principio, pelo desconhecimento da molestia não podiam curar os doentes, mas até aquelles morriam tanto mais quanto se approximavam destes: nem havia algum outro remedio humano. E foi tudo inutil quanto aos deuses supplicaram ou fizeram por meio de oraculos ou cousas parecidas. Por fim, vencidos pelos males, deixaram-se de taes cousas.

Cap. 48. — Começou, primeiramente, segundo dizem, na Ethiopia, que fica acima do Egypto, depois desceu para o Egypto e para a Lybia, e para muitas terras pertencentes ao rei da Persia, e veio cair depois repentinamente sobre a cidade d'Athenas. Em primeiro lugar accommetteu a gente no Pireo, de maneira que dizia ella terem os peloponesianos, lançado veneno nos poços, pois a esse tempo ainda ali não havia fontes; depois invadio a cidade alta, e já iam morrendo maior numero de pessoas. Opine, por tanto, a respeito desta epidemia cada um conforme souber, tanto o medico como o ignorante da medicina, donde é que lhe parece provavel ter-se ella originado, e quaes as causas que julga sufficientes para operarem uma tão grande mudança; eu sómente direi como ella foi, e por eu mesmo ter padecido e ter visto muitos padecerem, declarei estas cousas para que tomando cada um conhecimento dellas, se a epidemia outra vez nos vier accommetter, estando já alguma cousa instruidos, a possam melhor conhecer.

Cap. 49. — Succedeu ser aquelle anno, segundo se confessa, dentre todos especialmente sadio em quanto a outras quaesquer doenças, e, se alguém padecia de alguma outra molestia, vinha ella a

degenerar nesta epidemia. Aos outros, porem, por nenhuma causa sabida, mas repentinamente, estando de saude, accommettiam, primeiramente, grandes calores na cabeça, vermelhidão e inflamação de olhos, e emquanto ao interior, a garganta e a lingua tornava-se immediatamente ensanguentada, a respiração irregular, e o halito fétido.

Depois, seguiam-se a isto os espirros e a rouquidão; e, não muito tempo depois, descia o mal para o peito com uma fortissima tosse; quando se entranhava no coração, transtornava-o, e todas as evacuações da bilis, quantas tinham nomes dados pelos medicos, todas se seguiam, e estas mesmas com grandes afflicções. A maior parte das pessoas tinham soluços sem vomitos, acompanhados de uma grande convulsão, nalgumas cessando immediatamente, e noutras conservando-se por muito mais tempo; o corpo, no exterior, não era para quem o tocava demasiadamente quente, nem era pallido, mas sim algum tanto avermelhado, livido, e manchado de fistulas e chagas; e, em quanto ao interior, de tal modo estava abrasado, que nem mesmo podia soffrer a imposição dos vestidos os mais leves e dos lençoes, nem alguma outra cousa mais que a propria nudez; e era-lhe suavissimo o lançar-se na agua fria. Muitos enfermos, sobre os quaes não havia maior cuidado, fizeram isto mesmo, lançando-se em poços, impellidos por uma sede insaciavel, e que se não podia extinguir, quer se bebesse muito, quer pouco. A falta de descanso e as insomnias sempre os apouquentavam.

E o corpo, durante o tempo que o mal estava no seu auge, não perdia as forças, mas, contra o que era de esperar, resistia á molestia. A maior parte morriam ao nono, ou mesmo setimo dia, por causa do abrasamento interior, conservando ainda algumas forças: ou, se escapavam, descendo o mal para o ventre, e nascendo nelle grandes chagas, e accommettendo-os tambem grandes evacuações, morriam depois muitos tambem de debilidade. O mal, que ao principio tinha feito a sua sede na cabeça, espalhava-se mais tarde por todo o corpo, começando das partes superiores. E, no caso de alguém sobreviver a estes tão grandes perigos, o ficarem aquellas partes tolhidas servia de signal de quanto tinham padecido. Atacava tambem a doença, com grande impeto, as partes genitales, as extremidades dos pés e das mãos, e muitos, se não morriam, ficavam tolhidos destes membros. Alguns, perderam mesmo a vista. De algumas pessoas, apenas convalesceram, apoderou-se um tal esquecimento de todas as cousas, que nem a si proprias, nem a seus parentes conheciam.

Cap. 50. — Sendo, pois, o caracter desta doença superior a expressões, e em tudo mais acerbo a ponto de não a poder tolerar a natureza humana, era cada um por ella accommettido. E tambem nisto mostrou ser alguma cousa diferente de qualquer das epidemias vulgares: pois as aves, e todos os quadrupedes que se sustentavam de ca-

daveres, apesar de haver muitos a enterrar, ou não se approximavam, ou, se os provavam, morriam. E é igulmente prova da falta que havia de taes aves, o não se verem em alguma outra parte, nem mesmo em volta dos cadaveres. E os cães, por causa da sua convivencia com os homens, melhor davam a conhecer a falta.

Cap. 51. — Apresentava, por tanto, esta epidemia (omittindo muitas outras e diferentes atrocidades) um tal caracter: sendo ella sempre num individuo algum tanto diferente do que era noutro.

E nenhuma outra molestia das usuaes affligio por aquelle tempo: e, se alguma outra havia, nesta vinha a degenerar. Morriam uns pelo descuido; outros sendo mui bem tratados. E nenhum remedio, para que assim me exprima, foi descoberto, que fosse util a quem o tomava. Pois aquelle, que a um fazia bem, a outro causava mal. E não houve corpo nenhum, ou robusto ou debil, que fosse isento do mal: todos foram atacados, mesmo os tratados com todo regimen. E o mais terrivel do mal era a falta de espirito quando alguém se sentia invadido (porque voltando immediatamente o seu animo para a desesperação de salvação, muito mais se precipitava e não resistia) e mesmo por causa do contagio do mal, o qual duma pessoa se communicava á outra: e estando atacadas delle morriam como rebanhos. Era esta a maior causa da mortandade, pois atterrados não se queriam approximar uns dos outros, morriam ao desamparo, e muitas familias ficavam extinctas por falta de quem cuidasse dos doentes.

(Continúa)

M. B. BRANCO.

UMA OBRA DO SECULO IX

Chronicon albedense

(Continuado de pag. 184)

37. Sisebuto, reinou VIII annos. Obrigou os Judeus a adoptarem a religião de Christo, e fundou á sua custa a Igreja de Santa Leocadia. Humilhou e perseguiu nos montes os rebeldes Asturos e Vascões. De uma enfermidade, e certa poção que tomou, encontraram-no morto, sendo imperador Eraclio. Na mesma epoca, o abominavel Mahomet prégava aos povos da Africa a sua amaldiçoada lei.

38. Suintila, reinou X annos. Foi grande na victoria e no Conselho. Destruio os Vascões, fez prisioneiros dois patricios Romanos; reuniu sob o seu sceptro toda a Spania e a Gallia, e tornou-se digno do nome que se lhe deu de *Pae dos pobres*. Falleceu de enfermidade em Toletto, sendo Imperador Eraclio.

39. Sisenando, reinou IV annos. Convocou um Synodo de Bispos. Foi pacifico e permaneceu fiel ás leis catholicas Orthodoxas. Acabou a sua vida em Toletto, sendo Imperador Eraclio.

(Continúa)